

Imagens preliminares da realização variável de /l/ prevocálico no Estado do Pará

Marilucia **OLIVEIRA** *

Abdelhak **RAZKY** **

Wilker **SILVA** ***

Céliane **COSTA** ****

Resumo: Trata o presente artigo da realização variável de /l/ diante [i j] a partir de dados de fala de 32 paraenses. Os dados foram coletados pela equipe de pesquisadores do Projeto Atlas Linguístico do Brasil (ALiB). A orientação teórico-metodológica está de acordo com a Geolinguística e a Sociolinguística Variacionista. Serão apresentados, como o título deste trabalho indica, resultados preliminares de levantamento e análise dos dados coletados em sete cidades do Pará. Os resultados apontam, em caráter provisório e preliminar, alta frequência de palatalização de /l/ diante dos fatores linguísticos e sociais avaliados. No que se refere ao espaço, pode-se dizer que as localidades mais próximas da capital apresentam mais altos índices de palatalização.

Palavras-chave: Geo-sociolinguística; Palatalização; Lateral alveolar.

* Doutorado em Letras e Linguística pela Universidade Federal de Alagoas (2007). Docente da Universidade Federal do Pará. Contato: mariluci@ufpa.br .

** Doutorado em Linguística (1992) e pós-doutorado (2003) pela Université de Toulouse Le Mirail. Docente da Universidade Federal do Pará. Contato: razky@ufpa.br.

*** Graduando em Letras na Universidade Federal do Pará. Contato: wilker.mello@gmail.com.

**** Possui graduação em Letras pela Universidade Federal do Pará (2004). Atualmente é mestranda em Linguística pela mesma Universidade. Contato: celucosta@gmail.com.

Abstract: This article deals with the variable rule of /l/ before [i j] in the speech of 32 informants from the state of Pará Brasil. Geolinguistics and sociolinguistic variation are taken as the theoretical and methodological background of this paper. As the title suggests, preliminary results of the data from seven cities of the state of Pará will be presented and analyzed here. These preliminary results which are not conclusive point to a high frequency of palatalization of /l/ with respect to the linguistic and social variables taken into consideration. As for the geographical component, high frequencies of palatalization are noticed in points near the capital city Belém.

Keywords: Geolinguistics; Palatalization; Lateral alveolar.

1 Introdução

Apesar de haver um número muito baixo de estudos sobre a palatalização de /l/ no Português do Brasil (PB), assistematicamente se relaciona a forma molhada de falar, ou seja, a forma palatalizada, à fala paraense. É comum se encontrar na fala belenense a realização [pe^llikula] para *película*, em que a lateral alveolar /l/ se realiza como uma variante palatalizada. Entretanto, cabe a realização de estudos no espaço paraense no sentido de se determinar se essa variação restringe-se à capital ou se pode ser encontrada em outras localidades do Pará.

A hipótese inicial era de que a palatalização de /l/ se manifestaria de forma menos produtiva nas localidades mais distantes da capital por essas localidades apresentarem histórico de migração de pessoas de todas as regiões do Brasil (especialmente nordestinos e sulistas). No Sul e Nordeste do país, de acordo com pesquisa bibliográfica realizada, a palatalização de /l/ é pouco produtiva ou geralmente se restringe a formas como *família*, *sandália*, *auxílio*, ou seja, diante de [j].^{1*} A presença de sulistas e nordestinos,

* Por falta de espaço, a nota 1 se encontra na próxima página.

assim, poderia inibir a ocorrência da variante alveolar nas cidades localizadas mais ao Sul e Sudeste do Pará.

Para a avaliação dessa variação, tomou-se a fala de 32 informantes de sete cidades paraenses: Belém (capital), Soure, Bragança, Altamira, Almeirim, Marabá e Altamira. O objetivo é realizar um mapeamento preliminar da palatalização de /l/ nessas localidades. Além disso, são apresentadas as frequências correspondentes a grupos de fatores linguísticos e sociais instituídos no sentido de se testar preliminarmente a influência desses fatores sobre essa variação.²

2 Procedimentos metodológicos

Para a delimitação do *corpus* da pesquisa, foram inicialmente transcritos todos os dados do QFF. Em seguida, foram selecionados os contextos em que ocorria a variável em estudo. Como /l/ só apresentava realização variável diante de contextos altos anteriores, foi realizada a triagem dos contextos pertinentes, ou seja, /l/ diante de [i j].

¹ É comum se encontrar no Sul e Sudeste do Pará variantes encontradas nas regiões Sul e Nordeste do Brasil. O falar da região Metropolitana de Belém e da região Nordeste paraense apresenta muitas diferenças em relação aos falares praticados naquelas regiões. Inclusive, essas diferenças são utilizadas, atualmente, como justificativa para a divisão do Estado do Pará. Assisticamente, diz-se que há mais semelhanças linguísticas e de costumes entre o Nordeste e Sul do país com o Sul e Sudeste paraenses do que entre esses e as regiões localizadas mais próximas da capital, Belém.

² A frequência foi aferida pelo VARBRUL, mais especificamente por meio do MAKECELL. Os dados não foram submetidos ao programa de regra variável porque o baixo número de ocorrências não justifica uma análise estatística via pesos relativos. Reiteramos que se trata de uma amostra preliminar e provisória que, posteriormente, será ampliada para que os dados possam ser submetidos ao programa de regra variável.

Ao todo, foram instituídos 15 grupos de fatores. O primeiro corresponde à variável dependente cuja realização vai ser avaliada ([l] versus [ʎ]). O décimo terceiro grupo (tipo de questionário) foi instituído, mas não avaliado. Só poderá ser avaliado quando da inserção dos dados do questionário semântico-lexical (QSL) para futuras análises. Os demais correspondem a grupos de fatores linguísticos (do segundo ao nono): contexto imediatamente seguinte à variável, segmento da sílaba precedente, posição na palavra, contexto consonantal seguinte, contexto precedente (vogal/silêncio), contexto consonantal precedente, dimensão do vocábulo, posição do acento e sociais (do décimo ao décimo quinto): idade, escolaridade, sexo, tipo de questionário, localidade, capital *versus* não capital.

Cada grupo de fatores foi avaliado a partir das frequências que apresentou. As variantes [ʎ l] foram amalgamadas, pois ambas indicam algum grau de palatalização e são variantes muito parecidas foneticamente e nem sempre é possível se proceder a uma distinção precisa entre as duas.

Com base na cartografia linguística foram também construídas cartas que indicam a distribuição da variação em estudo considerando-se a atuação de variáveis não linguísticas (cf. cartas linguísticas mais adiante).

Ao todo, restaram 122 dados para serem avaliados. Os resultados das frequências e o mapeamento das variantes de /l/ são apresentados a seguir.

3 Apresentação e discussão dos resultados

As palavras que integraram o *corpus* desta pesquisa foram: *liquidação*, *liquidificador*, *sandália*, *família*, *película*, *aliança* e *limpar*. Os dados avaliados resultaram da seleção das respostas ao questionário fonético-fonológico (QFF) aplicados nas localidades pesquisadas.³

³ Os vocábulos *película*, *aliança* e *limpar* não estão previstos como resposta no QFF-ALiB, mas ocorreram no *corpus* quando da interação entre informante e inquiridor. Como o número de palavras que continham o

Ocorreram onze casos de não palatalização, ou seja, de lateral alveolar [l]. Essa realização ocorreu nas formas: liquidação, liquidificador e película, conforme quadro 1:

Vocábulo	Localidades				
	Belém	Almeirim	Altamira	Jacareacanga	Marabá
Liquidação	1	1	2	1	1
Liquidificador	-	2	-	1	1
Película	-	-	-	-	1

Quadro 1 – Frequência da lateral alveolar /l/ no Estado do Pará

Note-se que em Soure e Bragança não houve nenhuma ocorrência de [l]. Em Belém, houve apenas uma, na palavra liquidação. Marabá foi a localidade em que mais se realizou [l].

Houve 91% de aplicação da palatalização (P) diante de [j] e 9% de ocorrência da lateral alveolar. A seguir, são apresentadas as frequências relativas aos grupos de fatores instituídos.

3.1 Condicionadores linguísticos

Primeiramente serão apresentados os resultados referentes aos grupos de fatores linguísticos, realizando-se discussão sobre a possível interação entre os resultados obtidos para diferentes grupos.

3.1.1 Contexto imediatamente seguinte à variável

Os fatores estabelecidos apresentaram resultados bem distantes. Diante de vogal ocorreu 91% de palatalização. Diante de [j] houve efeito categórico, sempre ocorreu palatalização.

contexto para análise era baixo, optamos por considerar também esses vocábulos.

Aplicação de P		
Fatores	Total de dados	Frequência
[i]	60/49	91%
[j]	62/62	100%

Quadro 2 – Contexto seguinte

Esses resultados corroboram os vários estudos sobre a palatalização no Brasil quanto a ser [j] um contexto altamente favorecedor de P. Cabe ressaltar que mesmo quando houve queda da [j], como em [sãdaʎa], considerou-se que o contexto imediatamente seguinte à variável era o de semivogal. Entende-se, como Oliveira (2007), que, nesses casos, houve apagamento de [j], mas que, antes desse apagamento, [j] deve ter condicionado a palatalização, já que [a] não desencadeia o fenômeno, de acordo com os estudos teóricos sobre a palatalização, o que é confirmado nestes dados.

Ocorreram apenas 9% de lateral alveolar /l/ diante de vogal [i], especificamente nas palavras liquidação, liquidificador e película (cf. quadro 1).

3.1.2 Vogal da sílaba precedente

Os contextos precedentes avaliados foram: [i], [a] e [e]. Diante dos dois primeiros contextos houve aplicação categórica da palatalização. Como essa aplicação foi diante de dois contextos bem diferentes, não se pode dizer que [i] em contexto precedente estaria, como em contexto seguinte, favorecendo a palatalização.

Aplicação da P		
Fatores	Total de dados	Frequência
[a]	34/34	100%
[i]	33/33	100%
[e]	1/0	100%

Quadro 3 – Vogal da sílaba precedente

Esses resultados evidenciam que, ao contrário do que inicialmente parece, praticamente não importa o contexto que precede a variável em estudo, seja ele qual for a regra se aplica. Para [e] teve-se apenas uma ocorrência [pe'likulɐ], correspondente à variante alveolar. É, assim, desaconselhável avaliar esse contexto por conta do baixo número de dados. É recomendável uma análise com um número maior de dados em que ocorra esse contexto.

Esses dados levam a depreender que estamos diante de uma regra que pertence ao domínio da sílaba e não da palavra, pois é o contexto seguinte alto anterior [i j] que detona a regra e não o precedente, diferentemente do que se percebe nos falares baianos e em Maceió para a palatalização das oclusivas alveolares /t d/ (MOTA, 1995; SANTOS, 1997).

3.1.3 Posição na palavra

A posição inicial apresentou alta frequência de palatalização, 82%. A posição medial recebeu 67%, mas como obteve apenas três dados esses resultados deverão ser reanalisados. A posição final foi a que mais favoreceu a aplicação da regra, 100%.

Aplicação de P		
Fatores	Total de dados	Frequência
Posição inicial	57/47	82%
Posição medial	03/02	67%
Posição final	62/62	100%

Quadro 4 – Contexto seguinte

Cabe lembrar que a posição final coincide com formas sandália e família, muito ocorrentes no *corpus*, e que nessas palavras a variável em estudo encontra-se em contexto altamente favorecedor da palatalização, o contexto [j]. Daí o alto percentual da posição final. À posição inicial correspondem formas como

liquidação e liquidificador. Daí uma frequência decrescente, pois se está diante de vogal. Não parece seguro avaliar a posição medial, pois apresentou, conforme se disse, apenas três dados.

3.1.4 Contexto consonantal seguinte

O contexto [k] foi o que mais favoreceu P, com 81% de aplicação. Os demais contextos [s] e [p] apresentaram 1 dado cada, o que revela a necessidade de se proceder a uma análise com maior número de dados em que ocorra esse contexto para afirmações mais seguras.

Aplicação de P		
Fatores	Total de dados	Frequência
[k]	54746	81%
[s]	01/01	100%
[p]	01/01	100%

Quadro 5 – Contexto consonantal seguinte

Embora [k] seja alto, é pouco provável que tenha sido determinante para P. Só um número mais alto de dados em que se pudesse fazer o contraste com outros contextos consonantais poderia permitir depreender a influência desse segmento sobre o fenômeno. Mas é possível que tenha contribuído na manutenção da altura já que é segmento alto e [+alto] é traço de P.

3.1.5 Contexto precedente

O contexto de vogal favoreceu mais P do que o fator silêncio. Depois de vogal obteve-se 99% de P e depois de silêncio 81%.

Aplicação de P		
Contexto precedente	Total de dados	Frequência
Silêncio	54/44	81%
Vogal	68/67	99%

Quadro 6 – Contexto precedente

Os resultados vão de encontro ao que se esperava, pois como a posição inicial implica maior força articulatória, a expectativa é que se condicionasse mais P do que o contexto de vogal, conforme detectou Oliveira (2007) para o falar de Itaituba. Talvez as palavras que apresentam contexto altamente favorecedor de P, como família, sandália [i j], arrolados no fator vogal deste grupo de fatores tenha inflacionado o contexto vogal.

3.1.6 Contexto consonantal precedente

Esse grupo contou com apenas 66 dados. Obteve-se 100% para [m] e 100% [d]. O contexto [p] também apresentou 100% de palatalização, mas a ele corresponde um único dado, não sendo seguro avaliá-lo.

Aplicação de P		
Contexto consonantal precedente	Total de dados	Frequência
[m]	33/33	100%
[d]	32/32	100%
[p]	01/00	100%

Quadro 7 – Contexto consonantal precedente

Considerando-se que [m] e [d] são contextos precedentes de /l/ em família e sandália, respectivamente, é possível inferir que a aplicação de /l/ esteja mais ligada à atuação do contexto imediatamente seguinte à variável do que a esses dois segmentos.

3.1.7 Dimensão do vocábulo

Os resultados referentes a esse grupo se sobrepõem aos encontrados para alguns grupos já apresentados.

Aplicação de P		
Dimensão do vocábulo	Total de dados	Frequência
Polissílabo	61/50	82%
Trissílabo	60/60	100%
Dissílabo	01/01	100%

Quadro 8 – Dimensão do vocábulo

Os polissílabos correspondem às formas liquidificador e liquidação. Apresentaram 82%, índice muito próximo do obtido para a palatalização diante de [i], contexto seguinte presente nessas duas palavras. Já trissílabo, que corresponde a sandália e família, apresenta índice categórico, o que era esperado, pois tem como contexto fonético seguinte [j], segmento altamente favorecedor de P. Dissílabo apresentou apenas 1 dado.

3.1.8 Posição do acento

A posição pretônica inicial recebeu 82%. Já a postônica final recebeu 100%. Esse resultado era esperado, pois a postônica final corresponde a vocábulos que apresentam o contexto altamente favorecedor de P e a pretônica inicial corresponde a palavras que têm como contexto imediatamente seguinte à variável [i]. As demais posições apresentaram um e dois dados.

Aplicação de P		
Posição do acento	Total de dados	Frequência
Pretônica inicial	57/47	82%
Postônica final	62/62	100%
Pretônica não inicial	02/02	100%
Tônica medial	01/00	100 %

Quadro 9 – Posição do acento

3.2 Condicionadores não linguísticos

Serão apresentados em bloco os grupos sexo, escolaridade e idade, visto que seus resultados são muito aproximados e complementam algumas hipóteses conclusivas.

3.2.1 Faixa etária, escolaridade e sexo

Os mais jovens palatalizam mais do que os falantes da segunda faixa-etária, 95% contra 87%. Cabe ressaltar que esses resultados não são tão distantes. A regra se dissemina por todas as faixas etárias avaliadas, sem restrição, o que, segundo os pressupostos da variação, indica a tendência a uma mudança.

Aplicação de P								
Faixa etária	Total de dados	%	Escolaridade	Total de dados	%	Sexo	Total de dados	%
18-40	59/56	95%	Fundamental	15/15	100%	Masculino	62/54	87%
50-65	63/55	87%	Superior	16/15	94%	Feminino	60/57	95%

Quadro 10 – Faixa-etária, escolaridade e sexo

Para a escolaridade se tem índices próximos do efeito categórico para os dois níveis de ensino, 100% para fundamental e 94% para superior. Os resultados também são muito aproximados.

Os homens obtiveram 87%; as mulheres 95%. As mulheres preferem a palatalização à variante alveolar, mas cabe dizer que esses resultados também são aproximados. Eles corroboram, em certa medida, os resultados encontrados por Oliveira (2007) para o falar de Itaituba; num processo de mudança as mulheres encabeçam as mudanças linguísticas que não sofrem estigma.

3.2.2 Localidade

Os resultados apresentados pelo VARBRUL vão ao encontro de nossas expectativas, pois Belém e as cidades que se localizam próximo dela apresentaram índices mais altos de palatalização: 97% para Belém, 100% para Soure e Bragança. Já as localidades situadas mais distantes da capital e mais ao sul apresentaram índices inferiores: Almeirim 80%, Altamira 87%, Jacareacanga 88%, Marabá 81%.

Aplicação de P		
Localidades	Total de dados	Frequência
Belém	31/30	97%
Soure	15/15	100%
Bragança	14/14	100%
Altamira	15/13	87%
Almeirim	15/12	80%
Jacareacanga	16/14	88%
Marabá	16/13	81%

Quadro 11 – Localidade

Note-se que Almeirim foi a localidade que apresentou maior frequência da variante alveolar, 20%. Isso talvez se deva ao seu alto índice de migração, à presença de nordestinos e sulistas na cidade, falantes que, de acordo com levantamento bibliográfico realizado, usam mais a variante alveolar. Isso se aplica também aos

três últimos pontos de inquirição (Marabá, Altamira, Jacareacanga). Cabe ressaltar que a Belém correspondeu uma única ocorrência da variante alveolar (cf. figura 3).

Esses resultados corroboram também os encontrados no ALiSPA (RAZKY, 2004). Nesse Atlas a presença da variante palatalizada se mostra como tendência no falar paraense.

3.2.3 Capital versus não capital

Como era de se esperar, a capital apresentou maior índice de palatalização do que as não capitais (97% contra 89% das não capitais). Esse resultado referente às não capitais mescla os índices na escala de 80% das localidades ao sul do Pará com os de 100% da região Nordeste (Bragança) e do Marajó (Soure).

3.3 Distribuição geográfica de [ʎ] [ʎ] no Pará

Aqui são apresentadas seis cartas linguísticas construídas a partir dos resultados das frequências referentes às variáveis sociais. Por meio delas pretende-se também mostrar a difusão do fenômeno em palavras específicas.

A **carta 1** (figura 1) é uma carta explicativa. Nela são apresentadas informações para a leitura das demais cartas. Nessas cartas, a variante palatal e a palatalizada foram amalgamadas.

A **carta 2** (figura 2) apresenta a distribuição da variante palatalizada e da alveolar nas localidades pesquisadas e suas respectivas frequências. Nela podem ser visualizadas as localidades onde só ocorreu palatalização e onde ocorreu a variante alveolar e a palatalização.

A variante palatalizada ocorreu em todas as localidades pesquisadas (pontos 09, 11, 12, 13, 14, 15 e 16). Já a variante alveolar ocorreu nos pontos 11, 12, 14, 15 e 16. Em Soure e em Bragança essa variante não foi encontrada. Cabe ressaltar que em Belém (ponto 12) houve apenas um caso de realização da variante alveolar. As cidades mais próximas da capital inibem a realização [ʎ].

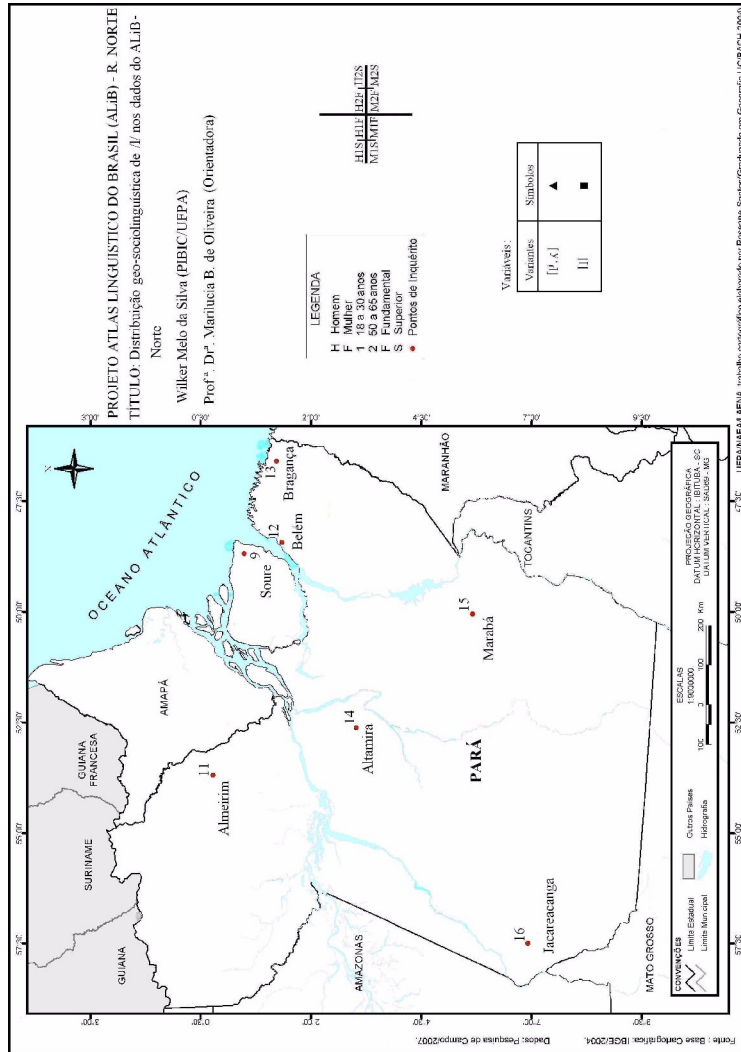


Figura 1 – Carta explicativa

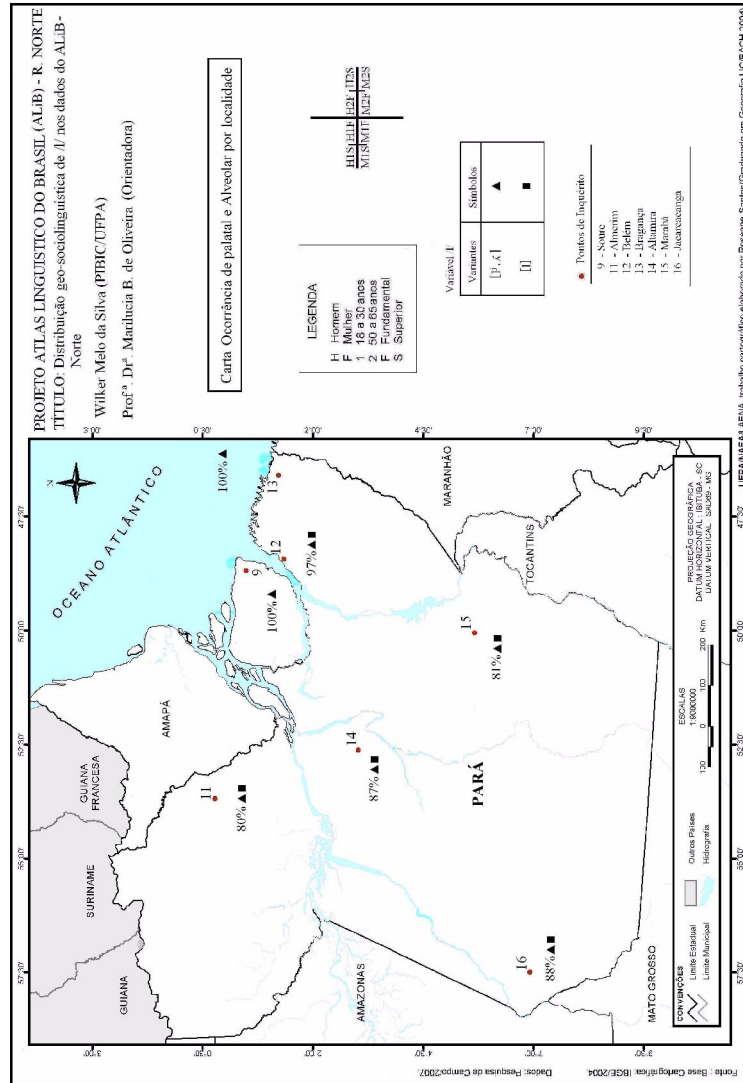


Figura 2 – Distribuição geral da realização variável de /l/ no Pará

As cartas 3 e 4 correspondem à realização da variável em família (figura 3) e sandália (figura 4), respectivamente. Note-se que nestas formas não houve ocorrência de lateral alveolar. Diante de [j], a aplicação da palatalização é categórica em todas as localidades.

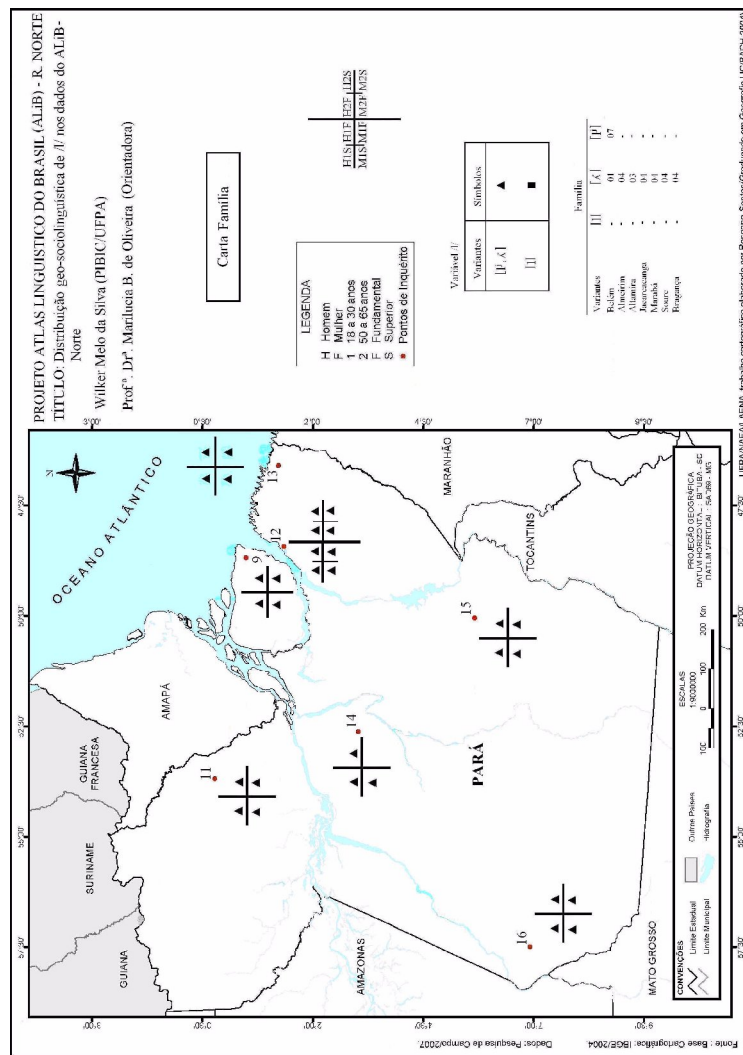


Figura 3 – Distribuição da palatalização em família

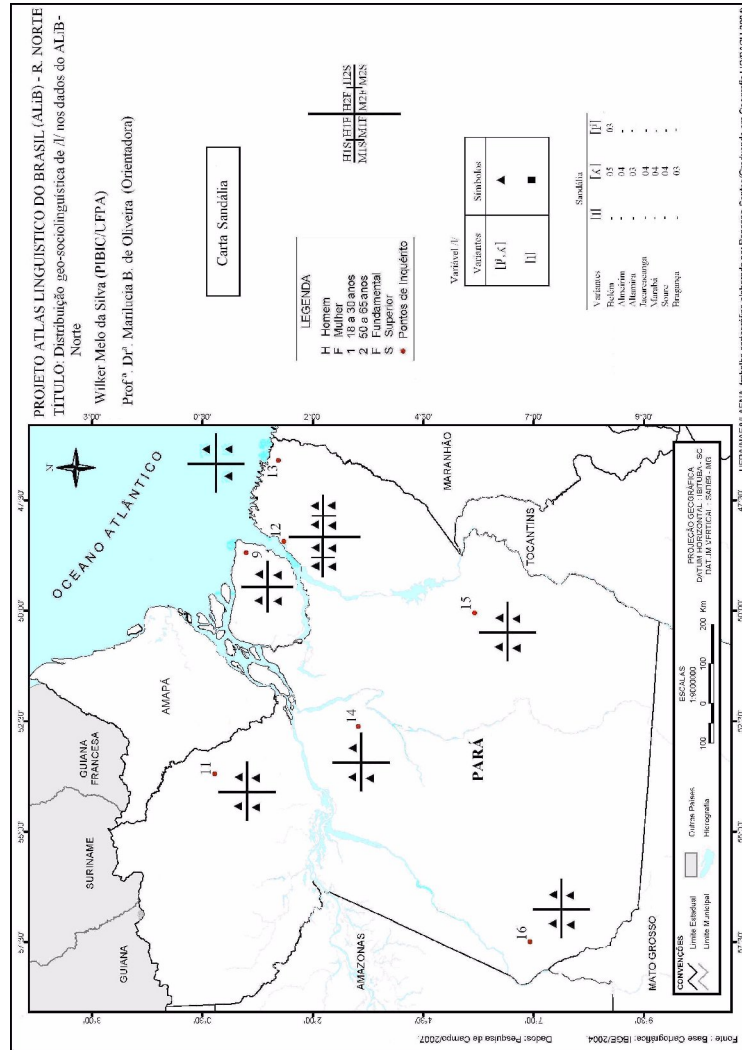


Figura 4 – Distribuição da palatalização em sandália

As cartas 5 e 6 correspondem às formas liquidificador (figura 5) e liquidação (figura 6), respectivamente. Nelas há ocorrência da variante alveolar, embora com baixa produtividade, e das variantes palatalizadas.

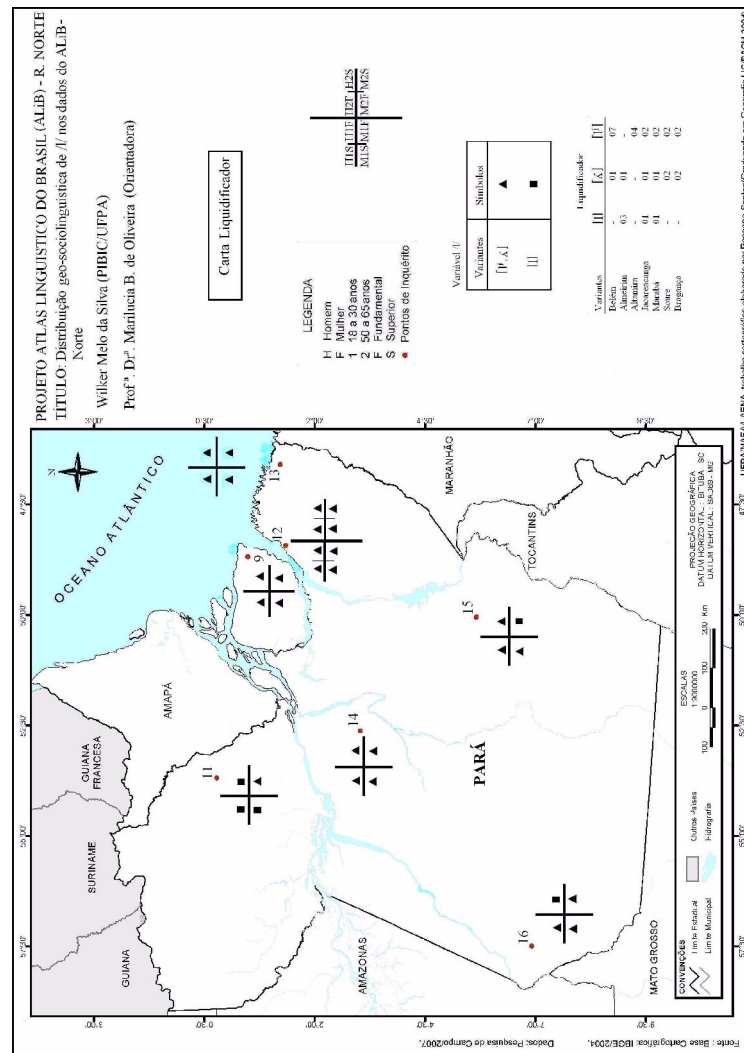


Figura 5 – Distribuição da palatalização em liquidificador

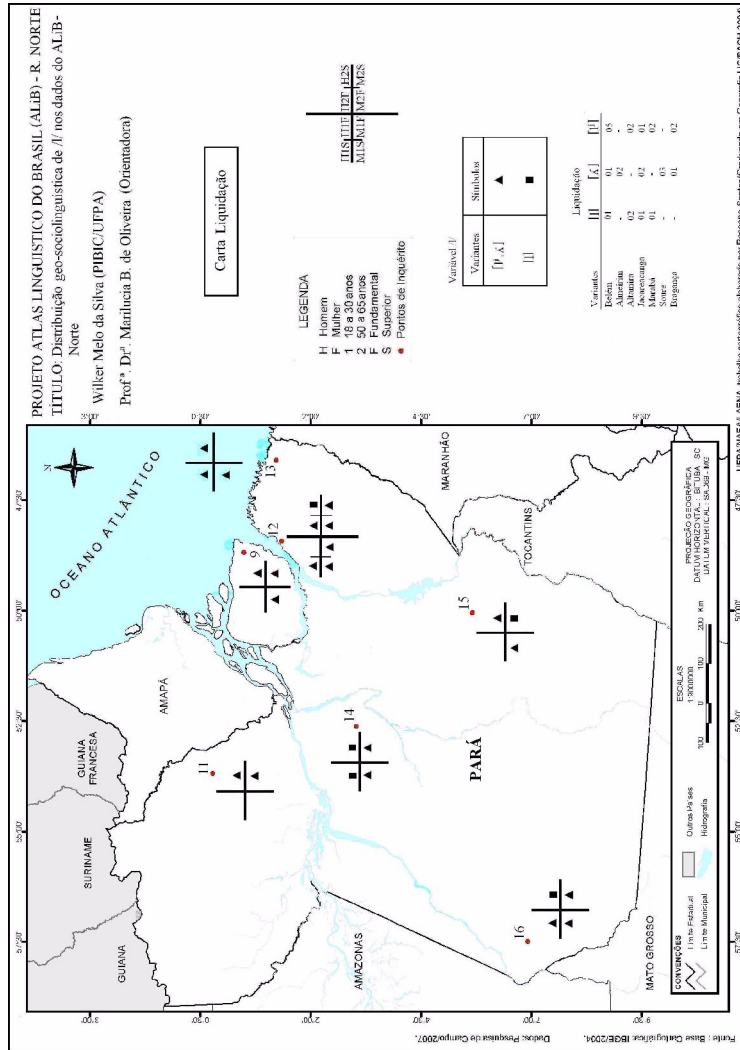


Figura 6 – Distribuição da palatalização em liquidação

Na carta 5, *liquidificador*, há presença da variante alveolar no ponto 11, em H1F, H2F e M1F. A variante alveolar foi majoritária na fala dos homens. Note-se que ocorreu na fala de três dos quatro entrevistados nessa cidade. Já em Marabá, cidade em que obteve a segunda maior frequência para a alveolar, 19%, a variante alveolar ocorreu na fala de um único informante, M2F. A variante alveolar ainda se realizou no ponto 16, em H2F. Curioso notar que, em Almeirim, foi M2F o único que palatalizou e que, em Marabá, foi o informante com essa estratificação que não palatalizou. Nos demais pontos a palatalização foi categórica.

Na carta 6, *liquidação*, ocorreu a variante alveolar nos pontos 12, 14 15 e 16. Excetuando-se o ponto 14 (H1F, H2F), em todos os outros pontos houve apenas uma ocorrência da variante alveolar (Belém, H2S; Marabá, M2F; Jacareacanga, H2F). Note-se que essa realização, na palavra *liquidação*, prevalece na fala de pessoas que apresentam mais idade e no gênero masculino.

As cartas construídas revelam que há ocorrência das duas variantes (palatalização/alveolar) na fala de um mesmo informante. Também mostram que a palatalização está difundida por todas as regiões do Estado do Pará, operando-se uma difusão mais lenta nas localidades mais distantes da capital.

4 Considerações finais e preliminares

A palatalização está em estágio avançado no falar paraense, diferentemente do que se detecta em outros espaços do país. Revela-se uma variação que não sofre estigma e que está amplamente difundida entre os falantes de ensino superior e entre as mulheres. Seu condicionador linguístico principal é o contexto seguinte. Revela-se como uma palatalização do domínio da sílaba, ou seja, o contexto alto anterior precedente parece não exercer força sobre sua realização.

Os resultados referentes à frequência da palatalização não corroboram os apresentados nos atlas linguísticos brasileiros, mas vão de encontro ao que dizem esses atlas, excetuando-se o do Pará, pois nos espaços cobertos por esses atlas a palatalização diante de [i] é praticamente inexistente.

As considerações aqui apresentadas são provisórias e preliminares. Conforme já foi dito, são apenas imagens preliminares do fenômeno em estudo. É preciso aumentar o número de dados para análises posteriores, juntando-se ao QFF dados de outros questionários, a fim de avaliar alguns fatores que apresentaram número de dados reduzido e, assim, contribuir de forma mais segura para a construção de um quadro de fatores que norteiam o fenômeno em estudo.

5 Algumas questões/reflexões para pesquisas futuras

Há necessidade de se ampliar os dados para o estudo do fenômeno bem como as localidades a serem pesquisadas, dentro e fora do Estado do Pará. Para isso, propõe-se seu estudo a partir de dados coletados por outro instrumento de coleta, o questionário semântico-lexical e em outras áreas do espaço paraense e brasileiro.

A realização variável de /l/ diante de [i j] só muito recentemente foi pesquisada no PB. Assim, os questionários até hoje construídos não apresentam número significativo de contextos específicos para a avaliação dessa variação, diferentemente do que ocorre em relação à palatalização de /t d/ diante de segmentos altos anteriores. Há um conjunto grande de palavras previstas como respostas no questionário para análise desse fenômeno. Assim, parece razoável que seja construído um questionário específico para o estudo da realização de /l/ prevocálico. Outro argumento em favor desse procedimento assenta-se sobre o fato de /l/ ocorrer diante de contexto restrito, portanto, sua realização sofre restrições, sendo necessária a construção de um questionário que apresente abundância de vocábulos que tenham o contexto em análise. Outra alternativa é estudá-lo a partir de narrativas, como fez Oliveira (2007) para o falar de Itaituba.

Referências

MOTA, Jacyra. Variantes palatais do português do Brasil. In: RUFFINO, Giovanni. **Atti Del XXI Congresso Internazionale di Linguistica e Filologia Romanza**. Università di Palermo. Centro di studi filologici e linguistici siciliani. 1995. p. 475-483.

OLIVEIRA, Marilúcia B. de. **Palatalização da lateral alveolar /l/ em posição prevocálica em Itaituba-PA**. 2007. 230p. Tese (Doutorado em Letras e Linguística) – Universidade Federal de Alagoas, Maceió.

RAZKY, Abdelhak et al. **Atlas Lingüístico Sonoro do Pará**. Universidade Federal do Pará. Belém, 2004.

SANTOS, Lúcia de Fátima. Realização das Oclusivas /T/ e /D/ na fala de Maceió. In: MOURA, Denilda (Org.) **Variação e ensino**. Maceió: EDUFAL, 1997. p. 69-90.